

O “Centro” tucano é pura farsa



Afinal, ainda existe PSDB? A julgar pela nota oficial emitida quando da libertação de Lula não mais. Repete-se a cantilena do discurso de Bolsonaro, de militares e de militantes da extrema-direita

Por Francisco Foot Hardman*

Diante da mudança substantiva do quadro político com a libertação de Lula, FHC não perdeu a chance de destilar sua arrogância reacionária e ressentida, travestida de sapiência mofada: “— Lula está solto, mas continua inelegível pela lei da ‘ficha limpa’. – Temos que fortalecer o ‘centro democrático’”.

Depois de o PSDB ter perdido fragorosamente, tanto no desfecho do golpe parlamentar-midiático-judicial contra Dilma, ao ter que retirar Aécio da sala de visitas, quanto, depois, nas eleições de 2018, quando o monótono Alckmin conseguiu a proeza de, tendo quase metade do tempo de propaganda eleitoral, amearhar menos de 5% dos votos para Presidente, caciques tucanos depenados ficaram sem rumo, sem discurso, sem programa.

Além dos dois supracitados, quem ainda se lembra de Serra e Aloysio, todos eles implicados em denúncias gravíssimas e blindadas por um judiciário venal, que remontam à descarada compra de votos para a emenda da reeleição de FHC, à privataria documentada da teles, à Dersa paulista de Paulo Preto, às contas bancárias na Suíça, aos descalabros no Metrô paulistano, para não listar os desmandos e desvios de Aécio e Azeredo em Minas?

FHC tenta como pode não sair da ribalta.

Para isso, conta com uma incrível complacência midiática. Como se essa pretensa *aurea mediocritas* que prescreve como lugar discursivo fosse algo mais do que realmente é: redundância medíocre de uma retórica confusa e superficial. Costuma usar “Brasil” como sujeito de frases empoladas, como se fosse ele o enviado especial da nacionalidade rediviva.

No lugar do deus bolsonarista, parece que FHC pretende pôr-se ele próprio como “acima de tudo”, e não à toa que

tentou o que não pode para virar senador vitalício ou, mais recentemente, para ser *tertius* numa eleição indireta para Presidente-tampão, depois do golpe contra Dilma, caso Temer fosse também cassado.

Caciques tucanos aliados do aparelho paulista-mineiro, que é o cerne do PSDB, pelo bando da extrema-direita cordial, digamos, nessa ascensão irresistível de João Doria ao controle da máquina e dos votos (o ex-governador Alberto Goldman, uma das vítimas desse massacre, definiu muito bem o *modus operandi* do atual governador paulista e pré-candidato presidencial: predador) nunca pareceram dispostos a lutar para reaver a hegemonia partidária perdida. Ao terreno da luta política interna, preferem saídas milagrosas, personalistas e, a rigor, extremamente antidemocráticas, porque anti-sistêmicas, baseadas em populismos de ocasião e, forçoso reconhecer, em mentiras midiáticas e ilusões salvíficas.

Mas quem é o ungido para reconstruir o “centro democrático” que, rigorosamente, nunca existiu? A fórmula Huck vem aí. Foi o jornalista Reinaldo Azevedo quem definiu com precisão e picardia essa apelação: Huck seria o “Sílvio Santos dos descolados”. Além de ser, de fato, na vida real, afilhado de casamento de FHC, configurando compadrio em versão moderna, como cabe bem ao coronelismo oligárquico-midiático de nossa elite mais atrasada e renitente, nem por isso menos “descolada” nesse universo mitológico da celebridade e de frases *nonsense* com jeito de meia-verdade, como aliás, trocando registros, é também o estilo preferido do seu padrinho.

Covardes ou preguiçosos para recomeçar derrotando Doria dentro do que restou do aparelho tucano, FHC e alguns desses caciques, viúvas do golpe que levou à tragédia brasileira de agora, de cujos horrores temos exemplos diários, urdem no momento nova manobra a torpedear o que sobrou de sistema político-partidário, inventando novo pão e circo para as massas, e desenhando em Huck, uma criatura da sociedade do espetáculo que vive da exploração do povo pobre, o “renovador” messiânico como lá atrás o fora Collor e, hoje, na forma mais degradada, com tintas neofascistas, o bolsonarismo. Terá, para tanto, beneplácito e fundos do mundo empresarial e financeiro e, como nos casos de Collor e Bozo, apoio estratégico da Rede Globo de Manipulação.

No hoje clássico romance *Quarup*, de Antonio Callado (1967), alegoria magnificamente construída em torno dos conflitos sociais no Brasil que desembocaram no golpe militar de 1964, e onde a questão indígena aparece com todo o destaque necessário, narra-se uma expedição que busca encontrar o centro geodésico do Brasil, em pleno Planalto Central. Quando finalmente lá chegam, tudo que encontram é um enorme formigueiro oco, vazio.

Pois o “centro democrático” apregoadado por FHC se parece bastante com esse formigueiro só-furos, de túneis abandonados. Prestidigitação de quem sempre governou para o andar de cima, de quem sempre renegou o imenso povo excluído pelas ações e inações do poder de Estado. De um

deslumbrado, em primeiro lugar, consigo mesmo.

Mas, afinal, ainda existe PSDB? A julgar pela nota oficial emitida pelo seu atual presidente e pau mandado de Doria, Bruno Araújo, não mais. Nota que repete a cantilena do discurso de Bolsonaro, militares e militantes da extrema-direita, quando da libertação de Lula.

Incapazes, porque se sabem de antemão perdedores, de conviver com uma esquerda organizada e atuante, apelam, como agora se vê na Bolívia, para o puro golpismo, venha ele diretamente das armas, venha da agitação de cunho fascista, ou, enfim, das manipulações midiáticas-judiciais-parlamentares. Combinações entre essas instâncias são, com efeito, o mais comum na história da América Latina. Eles, sim, verdadeiros promotores da desestabilização e da desconstrução do frágil pacto democratizante inaugurado com a Constituição de 1988.

Nenhuma legitimidade política possui FHC e seu fã-club de amigos do Huck para defender a democracia. Deveriam olhar para as próprias mãos e pés, atolados que estão na sucessão de golpes a partir de 2016 – iniciados com a ação do ilustre Miguel Reale Jr., que entre outras proezas alçou sua discípula diletta, Janaína Paschoal, para os braços do Bozo. E que abriu caminho ao triunfante predador Doria, surfista na onda Bolsonaro em 2018, e hoje corredor solo, dono folgado do espólio tucano, rumo ao Planalto.

São esses os democratas do terrão oco, do formigueiro vazio. No segundo turno de 2018, nenhuma palavra contra a ameaça sinistra de restauração dos porões da ditadura (ontem, esquadrão de Fleury e OBAN de Ustra, hoje milícias do crime organizado, sob a égide de seus entusiastas protetores no primeiro escalão da República).

Não posso esquecer da entrevista patética que o brilhante filósofo José Arthur Gianotti concedeu à jornalista Maria Lydia Flandoli, no Jornal da Gazeta, a apenas 48 horas do segundo turno, em 26/10/18. Depois de dissertar, com pleno conhecimento de causa, sobre os perigos do avanço fascista, no Brasil e no mundo, perguntado sobre qual candidatura seria a “menos ruim” para o futuro do País, declarou: “—Minha cara Maria Lydia, se eu soubesse responder, dormiria tranquilo. Mas eu não sei, por isso não durmo tranquilo nesses dias”.

E, agora, tucanos do centro oco, dormem tranquilos? Huck e Angélica virão acalantar seus sonhos de liberdade bem longe do povaréu? A julgar pela pompa em qualquer circunstância que conserva o inefável FHC, sim. Porque tudo o que desejam é privilégio e poder. O povo pobre e sofrido, figurante de ocasião dessa pantomima, que fique fora da festa.

***Francisco Foot Hardman** é professor titular do Instituto de Estudos da Linguagem da Unicamp; atualmente professor visitante na Universidade de Pequim.